

Resenha

Quando a ontologia é levada a sério

Vitor B. Sartori

Palavras-chave:

Lukács; ontologia; conhecimento.

Key words:

Lukács; ontology; knowledge.

FORTES, Ronaldo Vielmi. *As novas vias da ontologia em György Lukács: as bases ontológicas do conhecimento*. Saardbrüeken: Novas Edições Acadêmicas, 2013. 314 p.

Talvez seja muito peculiar a recepção da obra *Para uma ontologia do ser social*, de György Lukács, no Brasil: pode-se dizer sem medo que se trata de uma obra de grande vulto e que contribui enormemente para o embate filosófico dentro e fora do marxismo, como vem apontando, sobretudo, Nicolas Tertulian; porém, em terras tupiniquins, a obra é estudada, sobretudo, nos cursos de serviço social e de sociologia do trabalho, e não nos de filosofia. O lado bom é que o debate filosófico, tantas vezes segmentado dos demais campos das humanidades, vê-se atrelado a estas novamente pelos pesquisadores de serviço social, por exemplo. No entanto, na medida mesma em que isso se dá, não raro, busca-se “aplicar” a ontologia lukacsiana, não se tomando o cuidado suficiente com as determinações reais e efetivas do pensamento do autor húngaro.

No que se deve pontuar desde já: o livro de Ronaldo Vielmi Fortes, felizmente, ao nosso ver, contrapõe-se a esta última tendência, procurando explicitar de modo cuidadoso o modo como Lukács trata das categorias que permeiam o debate filosófico de sua época e da época de Marx (o que se dá na medida em que o legado filosófico do húngaro é valorizado, colocando-se à altura dos autores estudados nos cursos de filosofia). Deste modo, o autor de *As novas vias da ontologia em György Lukács: as bases ontológicas do conhecimento* não busca uma problemática alheia ao texto lukacsiano para albergar este “aplicando-o”; antes, propõe-se a analisar a obra tardia daquele que talvez tenha sido o maior marxista do século XX em um duplo *front* (colocado pelo próprio Lukács, como mostra Ronaldo Vielmi): a filosofia de Marx e aquela que se desenvolve no século XX, seja na esteira dos diversos “marxismos”, seja em relação com a elaboração de “ontologias”, como as de Hartmann e Heidegger.

Se o autor de *Para uma ontologia do ser social* busca o “renascimento do marxismo” com base em um retorno ao próprio Marx, Ronaldo Vielmi Fortes tem o grande mérito de conseguir dar conta de analisar Lukács na medida em que tem grande conhecimento dos textos do autor de *O capital*, chegando mesmo a estabelecer um interessante diálogo entre o que diz o autor alemão e aquilo que o marxista húngaro desenvolve em sua ontologia a partir do primeiro. *As novas vias da ontologia em György Lukács* termina, inclusive, de modo provocativo, apontando, muito provavelmente amparado nas análises do importante filósofo brasileiro J. Chasin, que ainda “trata-se de saber se o que há em Marx é uma ontologia ou um tipo de reconhecimento, que é ontológico, um tipo de racionalidade e cientificidade que possuem um estatuto ontológico” (FORTES, 2013, p. 307). Assim, certamente tratamos aqui de uma obra que tem muito a oferecer para os estudiosos de Lukács os quais, caso queiram ser fieis ao último, precisam ler a obra madura do marxista húngaro à luz dos textos de Marx (e não, como não raro ocorre, ler Marx procurando neste o próprio Lukács). Um aspecto de grande impacto do livro aqui resenhado se apresenta na medida em que Vielmi busca ver até que ponto a ontologia lukacsiana é um desenvolvimento que se dá – de modo marxista, mas como um desenvolvimento original do autor de *Para uma ontologia do ser social* – com referência a outros pensadores (como Hegel, principalmente, mas também Hartmann, em um grau muito menor) e até que ponto se trata da explicitação coerente do pensamento do próprio Karl Marx.

Vielmi ainda adentra uma seara de grande relevo quando procura estabelecer a relação existente em Lukács entre as categorias essência, substância, fenômeno, forma, matéria, conteúdo, realidade efetiva, possibilidade, entre outras. Trata-se de categorias centrais à tradição filosófica ocidental, as quais não foram discutidas sistematicamente

por Karl Marx, é bom ressaltar. No entanto, na esteira de Lukács, mostra o autor do livro aqui apresentado que a ausência de um tratamento sistemático desta questão por Marx não significa que ele simplesmente aceitaria o modo como Hegel a abordou. Diferentemente de uma tradição que contém nomes como Ruy Fausto, por exemplo, o autor de *As novas vias da ontologia em György Lukács* procura afastar de Lukács (e de Marx) as leituras que busquem analogias apressadas com a *Ciência da lógica* hegeliana. Enfocando a distinção entre modo de pesquisa e de exposição traçada por Marx em *O capital*, Viémi destaca que não se trata tanto de buscar nos precedentes filosóficos um modo como se poderiam abordar questões importantes e “lógicas” em Marx – antes, trazendo à tona as categorias como “formas do ser, determinações de existência”, o autor é, em nossa opinião, bem-sucedido ao mostrar que o modo pelo qual Karl Marx aborda a realidade efetiva não é aquele que busca algum esquema anterior (inclusive no que toca às categorias) para, então, “aplicá-lo” – ao se falar de dialética, por exemplo, não se trataria de uma “forma lógica” ou de uma apreensão que utilizasse modelos (mesmo aquele do trabalho, ou da totalidade). Antes, a dialética seria o modo pelo qual se constitui e desenvolve o próprio real, tratando-se de apreender o ser em sua objetividade e historicidade (segundo Marx, “um ser não objetivo é um não-ser”). Isto é destacado pelo autor brasileiro na medida em que salienta a confluência entre Marx e Lukács: ao contrário do que se daria em Hegel, em ambos os autores o ser não é carente de determinações, nem o mais abstrato – antes, trata-se da própria realidade do ente, não se tendo por essenciais oposições como aquela consagrada na filosofia do século XX na “diferença ontológica” heideggeriana: a diferença entre ser e ente. Assim, um ponto de enorme relevo que o autor do livro em tela trata com rigor ímpar é aquele concernente ao modo como certo tratamento das categorias, modo este estranho ao universo marxiano, em grande parte, proliferou no léxico e no pensamento daqueles que estudaram Marx.

Neste sentido específico, mesmo se mostrando crítico quanto ao empreendimento lukacsiano de retorno a Marx em certos pontos (relação entre concreto e totalidade, entre modo de exposição e modo de pesquisa, entre alienação e estranhamento, e mesmo o tratamento dado ao trabalho em alguns pontos), Viémi rende uma grande homenagem ao autor de *Para uma ontologia do ser social*, ao passo que destaca que não seria preciso recorrer a influências estranhas ao corpo marxiano para dar conta de questões colocadas por muitos como alheias a este. Mostra o autor do livro aqui resenhado que Lukács procede tendo em conta a diferença específica, enfocando, com cuidado, a continuidade somente na medida em que há descontinuidade. Trata-se, pois, na obra, de uma abordagem em que se explicitam as determinações do pensamento lukacsiano mostrando como este se diferencia de “ontologias” como as de Heidegger e de Hartmann, ao mesmo tempo albergando as diferenças que Lukács busca em Marx entre o pensamento do último e aquele de Kant e de Hegel. O uso que o autor de *As novas vias da ontologia em György Lukács* faz de seus conhecimentos no campo da filosofia não poderia ser melhor, portanto: em vez de buscar “o que há da lógica de Hegel em Marx”, por exemplo, Viémi intenta, apoiando-se no marxista húngaro, mas também em J. Chasin e no próprio Marx, explicitar como o pensamento marxiano é inseparável de um determinado momento histórico e de determinado embate filosófico somente na medida em que traz consigo algo de particular, que conforma sua diferença específica. Assim, trata-se de um livro que tem como uma das maiores qualidades o rigor, tornando claro que uma leitura criteriosa dos autores em tela pode contribuir, e muito, ao embate filosófico contemporâneo.

O rigor mencionado aparece de modo pungente também quando se têm em conta temas que já foram tratados pela literatura lukacsiana, como os do trabalho e da ideologia, por exemplo. Usualmente, estes temas foram abordados partindo de uma leitura segmentada. Havendo um capítulo sobre o trabalho, e um sobre a ideologia (há ainda capítulos sobre a reprodução e o estranhamento) em *Para uma ontologia do ser social*, os autores que trataram destes temas tendiam a focar os capítulos relativos aos últimos. Disso, claro, saíram algumas boas análises – porém, perdeu-se muito também. Sobre o trabalho, por exemplo, foi muito raro que se tratasse de uma abordagem que buscasse enxergar o histórico do desenvolvimento do tema em Lukács, o que, como bem aponta Fortes, só é possível com um conhecimento profundo de *O jovem Hegel*, obra anterior de Lukács. Ainda sobre a questão do trabalho, o autor do livro aqui resenhado mostra que a interpretação quase canônica no Brasil acerca da “centralidade do trabalho” não deixa de ter em sua origem uma leitura parcial da obra lukacsiana, leitura essa que tende a ser, inclusive, um tanto quanto dedutiva (algo oposto ao espírito lukacsiano). Trata-se, segundo Ronaldo Viémi Fortes, em verdade, de averiguar o modo pelo qual o trabalho coloca-se como “modelo”, “forma originária” no autor húngaro somente ao passo que se tem em conta a diferença específica entre as formas mais avançadas de sociabilidade e o fenômeno que dá origem ao ser social (a própria atividade que se dá na relação entre o homem e a natureza).

Nesse sentido, não se pode encontrar, assim como em Lukács, qualquer instrumentalização direta dos temas que o autor de *As novas vias da ontologia em György Lukács* trata em relação às questões pungentes de sua época. Não que o marxista húngaro não tivesse tais questões em conta – ocorre, porém, que valoriza as questões filosóficas e científicas também pela dimensão de universalidade que contém em si; neste sentido, mostra o autor do livro, Lukács procura as bases para o conhecimento na medida em que tem em mente a apreensão real de cada esfera da

sociabilidade, distinguindo entre atividade estética, científica e filosófica na medida mesma em que as relaciona ao todo social.

No que o autor de *As novas vias da ontologia em György Lukács*, na esteira do trabalho pioneiro de Ester Vaisman (também grande conhecedora da obra de Marx e de Lukács), dá um tratamento cuidadoso à questão da ideologia, explicitando-a enquanto veículo de tomada de consciência dos homens quanto às contradições que se encontram no próprio real. Na contramão daqueles que compreendem a ideologia enquanto mera “falsa consciência”, partindo de Lukács, Vielmi mostra que a ideologia tem uma função real e efetiva no todo social, ao passo que o mesmo não necessariamente se dá com todas as formas de falsa consciência; o autor também explicita que há uma relação muito mais nuançada do que normalmente se supõe entre as esferas da vida cotidiana, da cientificidade e da ideologia – a conformação objetiva do próprio real, em verdade, joga um papel essencial na relação, de modo que as bases do conhecimento não se encontram tanto nas formas de espelhamento analisadas separadamente da realidade efetiva. Busca o autor demonstrar como, não obstante sob a sociabilidade burguesa se dê o oposto, não se pode, de modo algum, desconsiderar a prioridade ontológica do ser frente à consciência. O autor, assim, dá um sentido preciso a questões que, não obstante tratadas com rigor e cuidado pelo próprio Lukács, por vezes são pressupostas como eivadas de certa obviedade por muitos lukacsianos.

Explicitando os debates e embates nos quais Lukács se situou, Ronaldo Vielmi Fortes escreve um texto obrigatório a todos aqueles que pretendam uma leitura séria do autor de *Para uma ontologia do ser social*. Seu livro trata ainda de muitos temas espinhosos no campo de estudos sobre Lukács, como o “afastamento das barreiras naturais”, o “momento preponderante”, a “prioridade ontológica”, entre outros, sendo, a partir de agora, preciso ter em mente este texto ao se debater com seriedade a obra madura de György Lukács.